

Japão se prepara para enfrentar ônus da moratória

BELO HORIZONTE

— O governo do Japão deverá determinar no próximo mês que os bancos japoneses formem reservas de capital para enfrentar os prejuízos decorrentes do não pagamento da dívida externa brasileira. As autoridades japonesas vinham retardando esta definição, mas, diante da falta de perspectivas da economia brasileira, os bancos daquele país deverão ser orientados a seguir o exemplo adotado pelas instituições americanas para fazer face a prejuízos decorrentes da suspensão de pagamentos dos juros. Para os japoneses os serviços da dívida vencidos este ano somam US\$ 560 milhões.

A informação foi dada ontem pelo Diretor Presidente do Banco de Tóquio no Brasil e membro da diretoria mundial do instituto, Toshiro Kobayashi. Ele disse ainda que é



Kobayashi: Japão imita EUA

este aval.

Ele reconheceu, porém, ser esta uma alternativa difícil pela falta de experiência do Bird em análises macroeconômicas dos países endividados, em razão do banco operar linhas de crédito para setores pré-definidos.

A exigência deste aval é por causa da desconfiança generalizada dos credores em relação às informações sobre a economia brasileira fornecidas por autoridades nacionais. “Depois da moratória brasileira, quando

praticamente impossível a liberação de qualquer dinheiro novo para o Brasil, sem o aval de uma instituição internacional que inspire confiança aos bancos credores. Para Kobayashi, não precisa ser necessariamente o aval do FMI e uma das alternativas que está sendo discutida com os credores é a possibilidade de o Banco Mundial (Bird) vir a dar

as informações que chegavam aos bancos é de que o Brasil tinha boas reservas, não há mais como confiar nas informações das autoridades brasileiras”, disse Kobayashi. Ele informou que o Brasil não deverá ter acesso nem mesmo aos US\$ 30 bilhões que serão liberados pelo Japão para economias do Terceiro Mundo, especialmente da América Latina.

Segundo Kobayashi, é norma das autoridades japonesas repassar estes recursos pelas entidades financeiras internacionais, como o próprio FMI e o Bird.

Quanto à conversão de parte da dívida brasileira em capital de risco, o Diretor Presidente do Banco de Tóquio disse que é uma medida interessante para as duas partes. Do lado do Brasil, principalmente, porque conforme Toshiro Kobayashi “os juros d dívida são sempre maiores que os dividendos a serem remetidos”. O Banco de Tóquio, que é credor de cerca de US\$ 1,3 bilhão da dívida brasileira, tem interesse nesta conversão, mas não há ainda definição sobre o volume que pode ser convertido anualmente.